



O SABER POPULAR E A PRODUÇÃO DO ARTESANATO RENDA LABIRINTO NA COMUNIDADE DE PARIPUEIRA, BEBERIBE-CE

Giselle Monteiro Silveira ¹

RESUMO

O presente artigo é um recorte da pesquisa de mestrado realizada entre 2016 e 2018, e evidencia a produção do artesanato Renda Labirinto, fortemente desenvolvido por muitos anos na Comunidade de Paripueira, Distrito de Beberibe, litoral leste do Estado do Ceará, destacando sua relação com o Saber Popular. Para Dias (2003) o artesanato está fundamentado na vivência e na transmissão dos ensinamentos de geração para geração a partir das tradições familiares. Para dar substância ao trabalho, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e visitas domiciliares. A metodologia possui caráter qualitativo, do tipo descritiva e explicativa, trabalhando na perspectiva do materialismo histórico dialético, utilizando como técnica o estudo de caso. Como categorias conceituais, foram utilizados o Saber Popular e o Artesanato, e como categorias de análise o Saber Popular, Valor Social e Comercial da Renda Labirinto e Organização Comunitária. Para a elaboração do referencial teórico foram utilizados estudos de autores como Nestor Canclini, Attico Chassot, Catherine Fleury, dentre outros.

Palavras-chave: Artesanato, Saber Popular, Renda Labirinto.

INTRODUÇÃO

A renda labirinto é similar a um bordado feito a partir do desfiado do tecido, geralmente o linho, depois unindo outros fios com pequenos remendos de linha, de maneira que esses remendos fiquem quase invisíveis. Também conhecida como bordado labirinto, crivo labirinto ou, simplesmente, labirinto, trata-se de um tipo de bordado brasileiro que foi introduzido por intermédio da colonização portuguesa durante o século XVII. Em terras indígenas, a arte foi se desenvolvendo de forma distinta, combinando vários elementos da cultura portuguesa a tradições litorâneas já existentes.

A pesquisa teve por objetivo geral estudar como é a relação entre o Saber Popular e a produção da Renda Labirinto em Paripueira, Beberibe-CE, e por objetivos específicos: levantar as ações educativas relacionadas ao artesanato; conhecer a produção da renda labirinto e; caracterizar o Saber Popular na produção da referida renda, do ponto de vista das participantes da pesquisa.

Embora existam outras localidades com maior incidência da Renda Labirinto, a investigação ocorreu no Distrito de Paripueira, primeiro por ser uma comunidade que faz

¹ Mestra em Educação pela Universidade Federal do Ceará, gisellemontsil@gmail.com;



parte da minha trajetória, facilitando minha estadia no local e depois, pelo próprio desejo de fazer algo pela comunidade.

Considerando que o objeto de estudo em questão é a renda labirinto e que ele é confeccionado especialmente por mulheres, participaram da pesquisa cinco labirinteiras que ainda confeccionam labirinto. Assim, optei pela pesquisa qualitativa, do tipo descritiva e explicativa, trabalhando na perspectiva do materialismo histórico dialético, utilizando como técnica de pesquisa o estudo de caso. Também foram coletadas algumas informações com moradores mais antigos apenas para contribuir com outros dados.

Para a efetivação da pesquisa foram feitas entrevistas semiestruturadas e visitas domiciliares. Algumas questões básicas como nome, idade e estado civil foram coletadas apenas para registrar as características das labirinteiras. Foram considerados dados primários e secundários.

Como categorias conceituais foram utilizadas o Artesanato e o Saber Popular e como categorias de análise, o Saber Popular, Valor Social e Comercial da Renda Labirinto e Organização Comunitária.

Como referências bibliográficas, foram utilizados estudos de alguns autores como: Nestor Canclini, Attico Chassot, Catherine Fleury, Surnai Aranda, dentre outros.

O desenvolvimento do estudo foi munido de inúmeras dificuldades, porém, foi, ao mesmo tempo, prazeroso e muito produtivo. Do ponto de vista acadêmico, acredito que a pesquisa poderá trazer benefícios tanto para outros pesquisadores quanto para a própria comunidade, pois demonstra como a academia pode colaborar para o resgate e a manutenção desse tipo de artesanato; e possibilita uma contextualização sobre a cultura da renda labirinto em resposta não somente à comunidade, mas aos que se interessam pelo artesanato de um modo geral. Por último, devolve a comunidade um registro de parte de sua identidade.

CAMINHOS PERCORRIDOS

Para Prodanov e Freitas (2013), o resultado de uma pesquisa contribui significativamente para o avanço do conhecimento humano, uma vez que desperta no pesquisador um sentimento de investigação diante dos problemas a serem estudados. Uma pesquisa qualitativa, por exemplo, busca uma melhor compreensão das experiências humanas, justamente o que gostaria de considerar neste trabalho, e não apenas quantificá-lo.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa é uma investigação onde a fonte direta de dados é o espaço natural e os materiais observados são revistos na sua



totalidade. Prodanov e Freitas (2013, p. 70) reforçam que na pesquisa qualitativa “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em número”.

Do ponto de vista dos objetivos, a pesquisa é considerada exploratória e descritiva. Exploratória porque teve como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto investigado; e descritiva porque os fatos foram observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem a interferência da pesquisadora. (PRODANOV; FREITAS, 2013)

A investigação ainda se deu na perspectiva do materialismo histórico dialético, na tentativa de encontrar explicações coerentes sobre os fenômenos que envolvem o objeto de estudo. Segundo Triviños (1987, p.51) “o materialismo dialético não só tem como base de seus princípios a matéria, a dialética e a prática social, mas também aspira ser a teoria orientadora da revolução do proletariado”.

Para a investigação recorreu-se ao estudo de caso estimando ser esta a técnica mais indicada ao que se pretendia alcançar. Para Goldenberg (2004, p.155) “o estudo de caso reúne o maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas, com o objetivo de apreender a totalidade de uma situação”.

Cinco mulheres, com idades entre 57 e 75 anos, foram entrevistadas. Para preservar suas identidades, seus nomes foram substituídos por nomes de espécies da flora brasileira, algumas ameaçadas de extinção. São elas:

Tabela 1 – Identificação das labirinteiras

NOME	IDADE	NATURAL DE:	ESTADO CIVIL
Bromélia	57 anos	Beberibe	Separada
Camélia	75 anos	Beberibe	Viúva
Jequitibá	57 anos	Beberibe	Casada
Jaborandi	59 anos	Beberibe	Separada
Murici	74 anos	Beberibe	Casada

Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Como meio de registro utilizei um diário de campo e anotei algumas informações pessoais. Ao invés de fazer diversas perguntas, fiz apenas uma solicitação: que as participantes me contassem suas histórias com o artesanato Renda Labirinto. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas para o computador utilizando um software de computador que auxilia na transcrição de registros de voz.

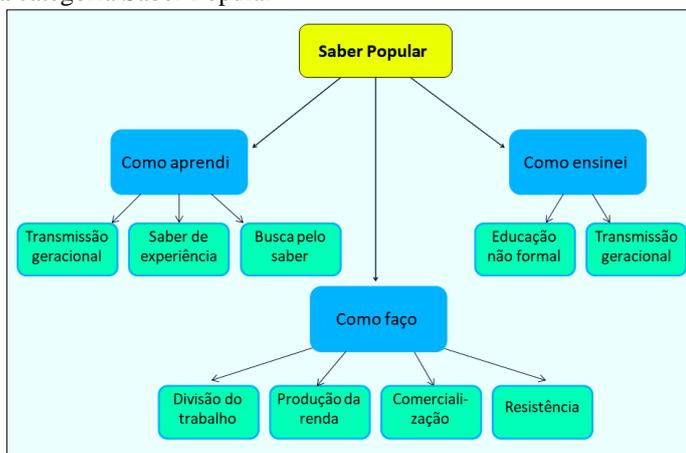


A cada fala transcrita, fui revivendo todos os cenários visitados, lembrando-me das expressões estampadas nos rostos das mulheres ao falarem de seus sentimentos e lembranças, e da importância do artesanato para suas vidas e para a identidade local.

Após finalizar o processo de transcrição, fui orientada a dividi-las de acordo com a proximidade de ideias e, assim, constituir as categorias de análise, que foram identificadas a partir das frequências nos depoimentos.

Para facilitar a compreensão, os esquemas a seguir demonstram como as ideias foram separadas e alocadas de acordo com as categorias.

Gráfico 1 – Esquema da categoria Saber Popular



Fonte: elaborado pela autora, 2018.

A categoria Valor Social e Valor Comercial da Renda Labirinto surgiu a partir de 13 ideias centrais.

Gráfico 2 – Esquema da categoria Valor Social e Comercial



Fonte: elaborado pela autora, 2018.

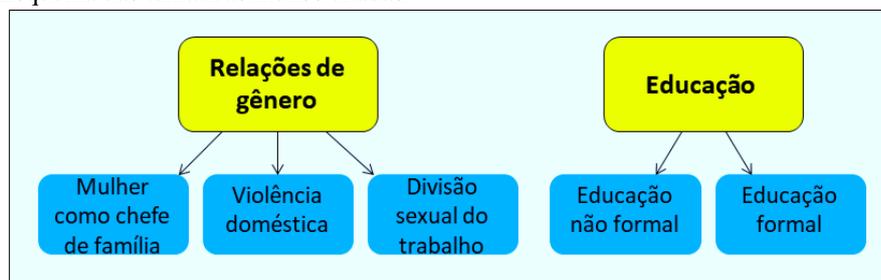
Gráfico 3 – Esquema da categoria Organização Comunitária



Fonte: elaborado pela autora, 2018.

As temáticas menos citadas foram Relações de gênero e Educação.

Gráfico 4 – Esquema das temáticas menos citadas



Fonte: elaborado pela autora, 2018.

ARTESANATO E SABER POPULAR

Presente na história das civilizações, o artesanato pode ter tido, possivelmente, sua origem com o surgimento do ser humano, a partir da fabricação de pequenos utensílios em pedra, utilizados para a obtenção de alimentos, e foi se modificando ao longo do tempo.

Segundo Ferreira (2017), o trabalho primitivo corresponde ao primeiro modo de produção que se tem notícia, onde as ferramentas produzidas pelos homens eram utilizadas com o intuito de suprir as necessidades básicas de alimentação e proteção. Com o surgimento de novas atividades, surgiram, também, relações de poder que acabaram por diferenciar, de forma muito visível, as condições de trabalho.

Gregório (2013) define o artesanato como uma atividade universal, que se diferencia no modo de fazer, não só pelos materiais, mas, também, pela técnica aplicada, característica própria de cada região e cultura.

Canclini (1983), por sua vez, sugere que o artesanato se apresenta dentro de uma relação capitalista muito complexa por ser um fenômeno econômico não capitalista devido a



sua forma de confecção, ao mesmo tempo em que está inserido no sistema capitalista como mercadoria. O autor completa destacando que apesar do surgimento das manufaturas e das fábricas, os artesãos insistiram desenvolvendo atividades manuais que estão à margem da produção industrial, mas não fora da lógica do sistema capitalista, muito menos de maneira desvalorizada. Assim, confirma a produção artesanal moderna como uma “necessidade do capitalismo”, visto que assim como os outros tipos de manifestações populares, ela realiza funções na reprodução social e na divisão do trabalho atuando de maneiras diferentes dentro do sistema. O autor ainda afirma que o trabalho artesanal age como um recurso econômico e ideológico utilizado pelo Estado para limitar o êxodo camponês e a consequente entrada nos meios urbanos, de maneira constante, de um volume de força de trabalho que a indústria não é capaz de absorver e que agrava as já preocupantes deficiências habitacionais, sanitárias e educacionais. (CANCLINI, 1983, p.73)

Para Aranda (2017), o artesanato possui dentro de suas práticas formadoras uma especificidade pedagógica que diz respeito ao “aprender fazendo”. É uma ideia que combina a aprendizagem com a criatividade, importante para o desenvolvimento das habilidades humanas que se projetam em diversos cenários, tanto na produção quanto na solução de problemas e desafios do cotidiano. Geralmente o desenvolvimento de habilidades manuais e a relação com o artesanato tem início no ambiente familiar, considerado por ela como uma primeira escola.

Quando relacionado à produção do artesanato, o saber popular pode promover o desenvolvimento local, possibilitando o resgate do patrimônio cultural de uma comunidade e promovendo a inclusão de pessoas em vários ciclos sociais. Pessoas aprendem, ensinam e produzem conhecimento em diferentes espaços, como na rotina da família, na escola ou no trabalho. Dessa forma, o saber popular potencializa a articulação de outros saberes, de uma maneira fragmentada, mas que são originados de suas próprias experiências.

O saber popular pertence à determinada coletividade ou prática cultural e pode ser observado em diversas atividades como a culinária, nas ervas medicinais, no artesanato, nas crenças, entre outros. De acordo com Chassot (2006, p. 205), “os saberes populares são os muitos conhecimentos produzidos solidariamente e, às vezes, com muita empiria”. Gondim e Mól (2007) reforçam que os saberes populares são conhecimentos adquiridos a partir do aprender fazendo, das vivências, que são repassados de geração em geração.

Vale salientar que na literatura o Saber Popular pode ser encontrado com outra nomenclatura. Chassot (2008) utiliza em seus estudos a expressão “saberes primevos” para nomear os saberes populares, uma vez que os considera como saberes primários. Para o autor,



a substituição não tem intenção de desmerecer, mas sim o contrário. O autor acredita que, na verdade, o termo “popular” é que desqualifica os saberes primevos. Porém, optei por trabalhar com o termo Saber Popular, considerando a relevância do “popular” e entendendo que este deve continuar sendo utilizado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: APRENDER, FAZER E ENSINAR

Aprender: transmissão geracional

A transmissão geracional é compreendida em diversos fatores repassados entre as gerações, podendo envolver aspectos positivos e negativos. Dentre os aspectos negativos, nos deparamos com a violência, o preconceito, valores que condizem com uma conduta inadequada para uma boa convivência. Dentre os aspectos positivos, podemos citar o respeito, a cidadania, comportamentos de boa conduta que contribuem para uma boa interação do indivíduo em diferentes espaços da sociedade. Piaget (1997) considera que valores são aquisições afetivas, pois ainda que se apoiem em conceitos, estão relacionadas a emoções, tanto boas quanto ruins.

Para Dias (2003) o artesanato se fundamenta na vivência e na transmissão dos ensinamentos de geração para geração através das tradições familiares. Muitas vezes, nascer em uma família de artesãos é herdar a responsabilidade de dar continuidade ao processo que pode estar muito mais relacionado à memória da família do que mesmo a técnica artesanal. No caso da Renda Labirinto, quanto mais cedo as meninas aprendessem a fazer artesanato, maior seria a ajuda na complementação da renda familiar.

Em Paripueira, das cinco mulheres entrevistadas, três aprenderam a fazer labirinto com a mãe, uma com a tia e a última também aprendeu com a mãe, porém a partir da observação. Neste caso, em que a aprendizagem se deu a partir das observações e das próprias experiência, alguns estudiosos classificam como saber da experiência.

Segundo Bondía (2002, p.27),

se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal.



Fazer: trabalhando à beira-mar

A técnica do labirinto exige grande dedicação e muita paciência, pois de acordo com o tipo de peça a ser produzida, o trabalho pode levar de um a seis meses, dependendo da disposição de cada artesã. Sua produção compreende dez etapas. São elas:

Riscar: os riscos são os desenhos que vão compor a peça ou a modelagem. Nesta primeira etapa a artesã repassa para o tecido o(s) desenho(s) previamente elaborado(s).

Cortar: etapa que consiste em cortes feitos com uma pequena lâmina conhecida no popular por gilete e uma agulha, que vão contribuir para o desfiado. Cada corte envolve entre três ou quatro fios que serão retirados para fazer aberturas no tecido.

Desfiar: é a etapa onde os fios são puxados, um a um, até formarem pequenas aberturas no tecido, que darão sentido ao labirinto.

Encher: consiste em refazer alguns desenhos. Desta vez a artesã recoloca fio a fio, preenchendo apenas os espaços suficientes para formar novas figuras.

Torcer: as brechas de fios que antes estavam sobrando precisam ser torcidas para que não se desmanchem. Assim, a artesã vai torcendo “pauzinho por pauzinho” para juntar os fios.

Paletar²: fazer o paletão é evidenciar algumas partes dos desenhos. É um processo semelhante ao do enchimento, contudo não é obrigatório. Ainda assim, para as artesãs, o paletão reproduz um diferencial às peças.

Casear: é um primeiro acabamento, pois serve para evitar que os desenhos sejam desfeitos. Trata-se de um ponto de costura a mão muito comum, mas que, no caso do labirinto, é feito bem pequeno, de maneira quase imperceptível.

Lavar: antes de ser comercializada, a peça precisa passar por até três processos de lavagem. A peça é ensaboadada, enxaguada, estirada ao sol e colocada novamente na grade. A quantidade de lavagens dependerá do objetivo que se quer atingir.

Engomar: para engomar, as artesãs utilizam uma solução caseira feita com água e amido de milho, conhecida popularmente como grude. O grude é passado cuidadosamente por toda a peça, que precisa ser estendida no varal logo em seguida, para retirar o excesso. Por último a peça é passada a ferro.

Acabar: nesta última etapa, as labirinteiras recortam todo excesso de pano da peça e organizam para a comercialização.

² Criei o termo “paletar” para auxiliar na identificação da etapa a qual elas atribuem ao “fazer paletão”.



Ensinar: transformações na transmissão geracional

O espaço familiar é formado por um encontro de diferentes gerações. Neste encontro ocorre a transmissão de saberes e valores. Contudo, os conteúdos transmitidos das gerações antigas para as mais novas não permanecem intactos.

Durante as entrevistas, algumas artesãs foram enfáticas em afirmar que já não se faz mais labirinto como antes. Quando perguntadas sobre terem repassado seus conhecimentos, percebi que apenas as filhas mais velhas chegaram a aprender.

Para Falcke e Wagner (2005), os valores repassados dentro do âmbito familiar podem ser tradicionais ou integrados por outros valores sociais, muitas vezes contrários. Assim, ocorre uma transmissão, porém as gerações mais jovens repensam e reproduzem apenas aspectos considerados favoráveis.

A sociedade contemporânea vivencia um estado social de ausência de regras e normas, que muitas vezes pode gerar uma carência de valores. É uma situação que acaba trazendo reflexos negativos no comportamento dos mais jovens. (PENSO; COSTA, 2008)

Nesse momento percebe-se a importância de políticas públicas direcionadas, especialmente, para este tipo de artesanato e de uma educação contextualizada, voltada para a valorização do Saber Popular. Fleury (2002) afirma que o artesanato produzido a partir de políticas públicas pode estabelecer uma maneira de estimular artesãos, motivando-os a produzir sua arte com mais valor e a considerar seu conhecimento.

Nas conversas com as labirinteiras, percebi que algumas transformações ocorridas no processo de transmissão geracional do artesanato referem-se as tradições familiares que são absorvidas por uma geração que reconhece sua importância, entretanto não repassa para a próxima geração. O que ocorre é que a desvalorização do artesanato para o mercado faz com que a geração que absorveu determinado conhecimento até reconheça sua importância social e histórica, mas julga que como fonte de renda ele não é uma boa opção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: RELAÇÃO ENTRE O SABER POPULAR E A PRODUÇÃO DA RENDA LABIRINTO NA COMUNIDADE PARIPUEIRA, BEBERIBE-CE

Ao decidir estudar sobre artesanato, eu já sabia que poderia encontrar muitos obstáculos, pouca bibliografia sobre o assunto, mas, sobretudo, uma certa resistência por parte das participantes. Todavia, não imaginei que seria tão difícil.



Todas as entrevistas tiveram como foco o envolvimento das entrevistadas com a renda labirinto. Até então, eu pensava que iria gravar as conversas e transcrever depois. Porém, quando cada uma começou a contar sua história, fui percebendo que, a partir daquele momento, eu já não estava mais registrando meras informações; a partir daquele momento eu recebi a responsabilidade de ouvir, registrar e interpretar, cuidadosamente, cada fala.

Aquelas mulheres foram me apresentando suas vidas, num gesto de gentileza e confiança. Contudo, não posso dizer que foi simples com todas. Uma delas se mostrou bastante desconfiada até eu perceber o que ficou subentendido com seu comportamento. A desconfiança era um meio de se proteger, de se preservar do mundo que já havia lhe decepcionado bastante.

Observei que sendo o artesanato algo ligado à cultura de uma comunidade, a técnica não é a única coisa a ser ensinada. Seu valor também é transmitido de geração para geração, revelando não somente uma arte, mas evidenciando as vivências e a tradição de um povo. Mesmo competindo num mercado globalizado e quase sempre injusto, valorizar o artesanato é entender sua importância cultural, econômica e social.

Uma vez que a produção da renda labirinto é uma atividade que faz parte da tradição local de Paripueira, ela também permite a preservação de um saber popular característico. Dessa maneira, percebe-se uma relação mútua; um existe pelo outro, ou seja, o artesanato faz parte do saber popular daquela localidade e o saber popular se faz presente nas peças que são produzidas.

A sabedoria popular, assim como o labirinto, está aprofundada nas tradições, nas conversas de calçada, nas indumentárias dos sacerdotes, nas festas populares, na produção do labirinto, entre outros. Todavia, pelo que foi observado, existe uma tendência ao desaparecimento e, na medida em que a renda labirinto vai enfraquecendo, parte do saber popular de Paripueira vai sumindo com ela.

Ao investigar o saber popular, pude constatar que, assim como outras manifestações populares, ele também se modificou a partir das influências da ciência e da tecnologia. Por isso é importante entender que essas interações podem ocorrer e resultar em novas formas de concepção desse saber.

Como pesquisadora, foi muito válido conhecer como se dá o processo de confecção da renda labirinto e a história de Paripueira, contada pelos moradores. Também posso afirmar que um registro como este é importante para a academia, principalmente para pesquisadores que, assim como eu, se interessam pelo artesanato, mas encontram dificuldades em encontrar estudos na área.



Como pessoa, conheci histórias de superação bastante motivadoras, que me fizeram refletir sobre o poder existente em pessoas simples e o quanto a academia precisa modificar sua forma de atuação em espaços como este. Vale lembrar que muitas comunidades estão de “braços abertos” para receber pesquisadores, porém é preciso que haja da nossa parte, um comprometimento em contribuir de maneira responsável com essas pessoas que estão cansadas de serem tratadas como “ratinhos de laboratório”. A universidade precisa dar o devido retorno à comunidade, demonstrando, também, seus resultados para quem, de fato, merece tê-los: os participantes da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ARANDA, Surnai Benítez. La artesanía latinoamericana como factor de desarrollo económico, social y cultural: a la luz de los nuevos conceptos de cultura y desarrollo. **Revista Cultura y Desarrollo**. n. 6. p. 3-19. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002212/221298s.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2017.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução às teorias e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994. 259 p.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Universidade de Barcelona, Espanha, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 17 maio. 2018.

CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983. 193 p.

CHASSOT, Attico. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. 4. ed. Ijuí: Unijuí, 2006. 438 p.

CHASSOT, Attico. **Sete escritos sobre educação e ciência**. São Paulo: Cortez, 2008. 297p.

DIAS, Maria Esther Barbosa. As Areias Coloridas do Litoral Cearense Modeladas por Sábias Mãos. **O público e o privado**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará. n. 2, Jul./dez. 2003. p. 47-61. Disponível em: <<http://seer.uece.br/?journal=opublicoeoprivado&page=issue&op=view&path%5B%5D=31&path%5B%5D=showToc>>. Acesso em: 05 abr. 2018.

FALCKE, Denise; WAGNER, Adriana. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In: WAGNER, Adriana (org.). **Como se perpetua a família?** A transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 25-46.

FLEURY, Catherine Arruda. **Rendas de bilros, renda da terra, renda do Ceará: a expressão artística de um povo**. São Paulo: Annablume, 2002. 296 p.



FERREIRA, Bruno. **A história do trabalho**. Disponível em: <<http://historiabruno.blogspot.com/2013/04/a-historia-do-trabalho.html#ixzz4ruDKGQaF>>. Acesso em: 05 set. 2017.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisa**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004. 121 p.

GONDIM, M. S. C.; MÓL, G.S. Interlocação entre os saberes: relações entre os saberes populares de artesãs do triângulo mineiro e o ensino de ciências.

In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 7., 2009, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viiienpec/pdfs/585.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

GREGÓRIO, Paula Maria Fernandes. **A exploração da técnica do patchwork no vestuário feminino contemporâneo**. 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.11/2229>>. Acesso em: 24 de mar. 2017.

PENSO, Maria Aparecida; COSTA, Liana Fortunato. **A transmissão geracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção**. São Paulo: Summus, 2008. 304 p.

PIAGET, Jean. **Psicologia da inteligência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. 360 p.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013. 277 p.

TRIVIÑOS, Augusto N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. 176 p.